

Batalhas pelo partido comunista: as origens da Liga dos Comunistas

Texto de 1986

Data	Junho de 2018
Autor	Robin Goodfellow
Versão	V 1.0

Sumário

SUMÁRIO	2
APRESENTAÇÃO	3
1. CLASSE E PARTIDO.....	4
2. A LIGA DOS JUSTOS.....	7
3. DA LIGA DOS JUSTOS À LIGA DOS COMUNISTAS	10
4. PARTIDO COMUNISTA E PARTIDOS OPERÁRIOS	17
5. ANEXO – FRANÇA: PROLETARIADO E REVOLUÇÃO COM ALMA POLÍTICA..	27

Apresentação

O presente texto é o terceiro da reedição de parte da série *Breve histórico do movimento da classe proletária na área euro-norte-americana*, publicada originalmente em língua francesa em vários números de nossa revista *Communisme ou Civilisation* entre 1984 e 1994 (extinta em 1998, dando lugar ao nascimento de Robin Goodfellow), e parcialmente em 5 números de *Comunismo ou Civilização* em língua portuguesa de 1985 a 1991.¹

A série de textos que serão publicados abrange o período de 1830 (com os utopistas) a 1889 (com os primórdios da IIª Internacional). O objetivo dessa reedição é duplo: de um lado, difundir em língua portuguesa textos que ficaram originalmente circunscritos a uma publicação de tiragem extremamente restrita, distribuída à época como produto de um trabalho militante; e de outro, fornecer sob uma forma sintética (embora nem sempre curta) uma recordação histórica útil, que pode servir para a formação e a informação de militantes.

O proletariado não pode dispensar o conhecimento de sua própria história como arma na sua luta contra a sociedade capitalista. Os textos procuram mostrar como o proletariado forjou o programa comunista através de suas lutas e também como tirar do passado elementos que permitirão enfrentar com mais segurança e firmeza o futuro. Isso porque, debruçar-se sobre sua própria história só tem sentido se se trata de utilizá-la para reforçar sua posição frente ao presente e ao futuro. O proletariado não examina seu passado para colecionar fatos e datas, mas defende intransigentemente seu programa tirando as lições de suas vitórias e derrotas, a fim de reforçar e de confirmar cada vez mais sua capacidade de ação revolucionária e de voltar ao assalto das cidadelas do capital munido de todas as suas armas, por mais de uma vez banhadas de sangue nos combates passados.

Robin Goodfellow – 2018

¹ Os detalhes da trajetória de nossa revista, tanto em francês como em português, assim como de nossa trajetória política, podem ser encontrados no texto *Quem é Robin Goodfellow?* em nosso site www.robingoodfellow.info ou neste blog (postagem em Janeiro de 2016).

Nessa reedição, deixamos de lado algumas partes mais detalhadas dos textos originais, sem prejuízo dos temas tratados, assim como fizemos uma revisão dos textos (falhas tipográficas, omissões, etc.).

1. Classe e partido

Foi do gigantesco esforço despendido pelo proletariado europeu, ao longo dos anos de sua formação, que a escola histórica do comunismo revolucionário pôde tirar a luminosa conclusão segundo a qual:

“O processo histórico da emancipação do proletariado e o estabelecimento de uma nova ordem social decorre da existência da luta de classes. Toda luta de classes é uma luta política, isto é, ela tende a se transformar em uma luta pela conquista do poder político e pela direção de um novo organismo estatal. Por conseguinte, o órgão que conduz a luta de classe à sua vitória final é o partido político de classe, único instrumento possível de insurreição revolucionária, inicialmente, e de governo, em seguida.” (*Teses de Lyon – 1926*)^{2,3}

Como veremos na continuação deste trabalho, a possibilidade de um partido verdadeiramente comunista só acontecerá após uma longa batalha pela vitória dos princípios comunistas, batalha conduzida pela vanguarda comunista do proletariado em meio a todas as expressões e tendências que a situação histórica da classe proletária produz num primeiro momento.

Mas o que essa situação material do proletariado produz de maneira espontânea - “o partido surge naturalmente do solo da sociedade moderna” (Marx), é a absoluta necessidade de seu agrupamento em organizações que exprimem cada vez mais precisamente seus propósitos e objetivos revolucionários.

“A luta é inicialmente engajada pelos operários isolados, depois pelos operários de uma mesma fábrica, enfim pelos operários de um mesmo ramo da indústria, em uma mesma localidade, contra os burgueses que os exploram diretamente (...).

² Cf. também a carta de Marx a Weydemeyer de 5.03.1852:

“O que minha contribuição trouxe de novo foi:

1º) Demonstrar que a existência das classes está ligada a fases históricas determinadas do desenvolvimento da produção;

2º) que a luta de classes conduz necessariamente à ditadura do proletariado;

3º) que esta mesma ditadura representa apenas uma transição para a abolição de todas as classes e para uma sociedade sem classes;

³ Em 1926, o rumo da revolução mundial balança definitivamente. A única forma de salvaguardar a Rússia proletária residia na sublevação maciça do proletariado de todos os países. A Esquerda Comunista da Itália pede, em nome da revolução mundial, que a política do Estado russo seja dirigida pela Internacional. Mas a vaga de refluxo revolucionário era demasiado forte e a teoria do “socialismo em só país” ganha força (o VIº Congresso da Internacional – 1928, assiste à vitória desta teoria). Neste ano de 1926, realiza-se em Lyon (França), na clandestinidade, o IIº Congresso do Partido Comunista da Itália, no qual a Esquerda apresenta as denominadas *Teses de Lyon*. As teses, fundamentalmente, reafirmam o papel do partido comunista na revolução proletária, enfatizando que a revolução não é uma questão de forma de organização. Ou seja, não é a forma partido que deve ser privilegiada em nome de um fetichismo qualquer, mas seu conteúdo, o programa comunista. Reafirma-se que o “centralismo orgânico” é o modo de ser do partido. Desenvolvem-se as regras táticas do partido, assim como suas relações com o corpo da doutrina. Finalmente, as teses fazem um balanço do período revolucionário que se finda, fornecendo elementos de crítica aos erros cometidos.

O leitor pode encontrar, na segunda parte de nosso texto Quem é Robin Goodfellow, uma reedição do número 1 de Comunismo ou Civilização em português, uma visão global da posição da Esquerda Comunista da Itália frente à degenerescência do movimento proletário, a partir de 1926, sintetizada nas Teses de Lyon. [Nota atualizada por nós em 2018]

Nesse estágio, os operários formam uma massa disseminada através do país e atomizada pela concorrência. No caso de os operários se apoiarem numa ação de massa, isto ainda não é o resultado de sua própria união, mas a da burguesia que, para atingir seus próprios fins políticos, deve pôr todo o proletariado em movimento, pois ainda possui provisoriamente o poder de fazê-lo (...). Ora, com o desenvolvimento da indústria, o proletariado só faz crescer numericamente. Está concentrado em maiores massas. Sua força aumenta e ele toma maior consciência disto (...).

Os operários começam a formar coalizões contra os burgueses; unem-se para defender seus salários. Chegam até formar associações permanentes para estarem preparados para sublevações eventuais. Aqui e ali a luta explode em motins.

De tempos em tempos, os operários triunfam. Mas é um triunfo efêmero. O verdadeiro resultado de suas lutas é menos o sucesso imediato do que a união cada vez maior dos trabalhadores.

Esta união é favorecida pelo crescimento dos meios de comunicação que são criados por uma grande indústria e que fazem operários de localidades diferentes relacionarem-se. Ora, basta este estabelecimento de contato para centralizar as numerosas lutas locais de mesmo caráter em uma luta nacional, para dela fazer uma luta de classes. Mas toda luta de classes é uma luta política e a união que os burgueses da idade-média levaram séculos para estabelecer com suas estradas vicinais, os proletários modernos a realizam em alguns dias graças às estradas-de-ferro.

Essa organização dos proletários em classe e, portanto, em partido político, é incessantemente destruída pela concorrência que os operários fazem entre si. Mas ela sempre renasce e cada vez mais forte, mais firme, mais potente.” (*Manifesto do Partido Comunista*)

Mesmo se o conflito entre as classes é permanente na sociedade e se exprime sob as formas mais diversas, desde as formas mais insignificantes de protesto até ao motim, todas ao longo do ciclo de uma forma de produção, a luta de classes, no sentido estrito, isto é, a luta política de classes, não explode a não ser em raros momentos, quando os protagonistas se defrontam diretamente pela posse do poder político. O proletariado só luta verdadeiramente como classe quando está organizado em partido político, isto é, desde que toma consciência de sua missão histórica pela mediação de um órgão capaz de dirigir sua luta. A identidade material que unifica o proletariado como “classe-em-si” (isto é, seu lugar idêntico no interior das relações de produção), torna-se também identidade histórica e política, a da “classe-em-si e para-si”, que se ergue contra as outras classes da sociedade.

“Os diferentes indivíduos somente constituem uma classe na medida em que devem conduzir uma luta comum contra uma outra classe” (Marx-Engels, *Ideologia Alemã*)

Além do cartismo, que foi, no plano nacional, a expressão do movimento de organização política do proletariado inglês, o movimento europeu conheceu, após a revolução de 1830, numerosas tentativas de organização pela iniciativa dos revolucionários franceses e, sobretudo, alemães. Sua dispersão e sua disseminação no estrangeiro permitiram aos operários de todos os países colocarem-se em contato com o proletariado de “compleição atlética”.

Aqui ainda, é após o movimento impulsionado pela revolução de 1830-31 na Alemanha que os operários alemães mais politizados exilaram-se em outros países europeus, notadamente em Paris e na Inglaterra, fenômeno reforçado pela emigração econômica que lançava numerosos artesãos e camponeses alemães nas estradas da Europa. São eles que fundaram em Paris a *Associação Patriótica Alemã*, depois, em 1834, a *Liga dos Proscritos*, com caráter de sociedade secreta.

Se esses núcleos iniciais (assim como aqueles formados pelos proletários franceses) estavam mais para seitas, do que para o partido de classe moderno, é igualmente a partir deles, principalmente, que se efetuou, através de cisões e reagrupamentos, o necessário movimento de esclarecimento e depuração que leva a fração mais avançada do proletariado à consciência da necessidade de fundar um partido de classe. Através de uma intensa atividade de reflexão teórica, de sua atividade de organização e de uma densa rede de contatos entre revolucionários de todos os países, estes pequenos grupos se aproximam cada vez mais do momento em que estarão prontos para fundar uma organização capaz de apreender os segredos da atividade revolucionária do proletariado.

2. A Liga dos Justos

Em 1836, uma cisão da *Liga dos Proscritos* dá nascimento à *Liga dos Justos*, que abandona as teses limitadas da *Liga dos Proscritos*, a qual defendia o projeto de uma sociedade igualitária baseada na pequena propriedade privada.

“A nova associação (...) teve um desenvolvimento relativamente rápido. Na origem, era um filho alemão do comunismo operário francês, inspirado de reminiscências de Babeuf, que se desenvolvia nesta mesma época em Paris; a comunidade dos bens era reclamada como uma consequência necessária da igualdade. Os objetivos eram os das sociedades parisienses secretas de então: parte semi-associação de propaganda, parte semi-conjuração. Paris continuava, entretanto, sempre sendo o centro da ação revolucionária, se bem que não se deixasse de fomentar ocasionalmente tumultos na Alemanha. Mas, como Paris continuava sendo o campo de batalha decisivo, a Associação era então, de fato, a seção alemã das sociedades secretas francesas, sobretudo da Sociedade das Estações, fundada por Blanqui e Barbès, com a qual ela mantinha estreitas relações.” (Engels, *Algumas palavras sobre a história da Liga dos Comunistas*)

Reivindicando a comunidade dos bens – fórmula vaga que os comunistas substituirão por abolição da propriedade privada – como base material da “igualdade”, a *Liga dos Justos* inscrevia-se na já velha tradição comunista.

Agindo assim, a *Liga dos Justos*, além de não exprimir o comunismo moderno, continua ligada ao comunismo de inspiração religiosa, maculado de utopismo, que espera a realização da comunidade por meio da fraternidade universal. Na medida em que esta teoria, produzida pelas condições de sua época é realmente a expressão do proletariado deste tempo, ela encontra em Weitling seu principal teórico.

Este último, próximo de Babeuf e do jovem Blanqui, compreende a necessidade do comunismo e de uma revolução violenta para implantá-lo. Mas não individualiza o proletariado, enquanto tal, como protagonista desta revolução. Coloca à frente da humanidade sofrida uma minoria resoluta que se encarregará de derrubar os obstáculos à realização da sociedade futura. Apesar de tudo, com todas suas fraquezas, todas as ilusões nutridas, um Weitling encarna tão bem o lance revolucionário da era capitalista que Marx escrevia a seu respeito:

“Onde a burguesia, inclusive seus filósofos e sábios, pode nos apresentar uma obra semelhante às “garantias” de Weitling tratando da emancipação da burguesia, da emancipação política? Se compararmos a mediocridade insípida e tímida da literatura política alemã com esta estréia literária imensa e brilhante dos operários alemães, se compararmos as botas de sete léguas do proletariado ainda criança com os sapatos minúsculos e deformados da burguesia alemã, podemos profetizar que o Cinderelelo alemão terá proporções atléticas.” (Marx, 1844)

O que significa um Weitling é que o proletariado, mesmo através da ilusão messiânica, já havia entendido que ele era a classe revolucionária da sociedade e que, assim sendo, já obtinha uma imensa vitória sobre a burguesia que, a partir de então, apavorada pela ameaça deste gigante, acelerará sua evolução para o conservadorismo e a reação social.

Mas, uma vez revelado à sua própria consciência, o proletariado era lançado no caminho onde deveria rapidamente desembaraçar-se de todas as formas religiosas, utópicas, humanistas desta consciência para exprimir sua oposição ao mundo burguês sob sua forma mais pura. Neste movimento, ou ele arregimentaria com eles os Weitling, ou estes se apegariam às suas concepções a ponto de se tornarem contrarrevolucionários. A história do proletariado está cheia de “grandes homens” que preferiram perecer com suas quimeras em vez de evoluir com o movimento. Para poder constituir seu partido de classe, o proletariado tinha necessidade de outro corpo programático que o estabelecido por Weitling em sua obra: “A Humanidade tal como é, tal como deveria ser”. Caberá ao “Manifesto do Partido Comunista” cavar a sepultura para todo o romantismo, o deísmo e o humanismo anteriores.

O movimento operário francês, de seu lado, havia produzido com a “Sociedade das Famílias”, fundada em 1834, depois a “Sociedade das Estações”, sociedades secretas que se fixavam por objetivo o arremesso da ordem existente, com a ajuda de conspirações seguidas de uma ditadura assegurada por um pequeno grupo de homens apoiado sobre o povo em armas. A derrota da insurreição de 1839, empreendimento típico das sociedades secretas operárias de então, teve como resultado disseminar ainda mais as forças revolucionárias existentes. Exilados, os revolucionários entravam em contato com outros meios, outras tradições de vida, mais ou menos evoluídos, mais ou menos capazes de fornecer uma expressão radical da luta proletária.

Na França, a seção da Liga dos Justos era dominada pela tradição utopista e pelo comunismo de Babeuf, retomado por Blanqui. Na Suíça, as condições sociais atrasadas impediam que viesse à tona a compreensão clara dos objetivos da luta proletária. Foi aí que se enraizou o comunismo de Weitling. Na Inglaterra, ao contrário, os membros da Liga entraram em contato com uma forte classe operária industrial, temperada pela tradição de um movimento operário autônomo (cartismo). As próprias condições do exercício de uma atividade política (liberdade de imprensa, democracia política...), permitiam que se produzisse uma troca frutífera entre todos os componentes do movimento operário internacional presentes na Inglaterra: cartistas e owenistas, artesãos alemães, blanquistas franceses exilados, democratas poloneses e italianos, revolucionários belgas, etc... Os exilados alemães em Londres usufruíram da liberdade de associação e reunião para fundar uma nova sociedade:

“Desde 7 de fevereiro de 1840, eles fundaram a Associação pública dos operários alemães para a propagação da instrução, sociedade que ainda existe hoje. Esta sociedade serviu à Liga como fonte de recrutamento de novos membros. Com os comunistas sendo, como sempre, os membros mais ativos e os mais inteligentes da Associação, seguiu-se que toda a direção ficou nas mãos da Liga, que já tinha muitas comunas, ou como se dizia então, “oficinas” em Londres. Seguia-se a mesma tática, tão nítida e precisa, na Suíça e em outros lugares. Em todos os cantos onde se podia fundar associações operárias, nós as utilizávamos do mesmo modo. Nos países onde as leis não autorizavam tais criações, frequentava-se sociedades de ginástica, de canto, etc... A ligação era, na maioria das vezes, mantida pelos membros que iam e viam continuamente e que, em caso de grave necessidade, cumpriram o papel de emissários. Nos dois sentidos, a Liga foi largamente sustentada pela sabedoria dos governos que, expulsando todos operários indesejáveis – e, nove décimos destes faziam parte da associação –, os transformavam em emissários.”(Engels, *Algumas palavras...*)

É, portanto, na Inglaterra que a Liga dos Justos encontrou o terreno mais favorável para a extensão de sua atividade. Ela aí sofreu a influência de J. Harney, líder da ala esquerda cartista (cf. nosso texto desta série: *O cartismo na Inglaterra (1830-1848)*, disponível em nosso blog), que era

bastante mais avançada que a Liga na questão da tomada do poder, dos objetivos imediatos do proletariado, etc... Imerso no cadinho revolucionário londrino, o centro da Liga via alargar-se seu horizonte e como dizia Engels, “de alemã que era, a Liga transformou-se, pouco a pouco, em Liga Internacional” (idem)

Mas, em relação ao ascenso da vaga revolucionária que se inicia no começo dos anos 1840, o conteúdo teórico da Liga dos Justos não estava à sua altura. Ela encontrava inicialmente seus limites nas condições históricas gerais da época, mais precisamente nas condições de existência do proletariado de então. Este, à parte certos setores da indústria inglesa, ainda era amplamente composto por artesãos que não tinham como única perspectiva histórica a de cair definitivamente no proletariado, mas podiam ainda esperar elevar-se à condição de pequeno patrão. Os membros alemães da Liga dos Justos faziam todos parte dessa camada do proletariado explorado por pequenos patrões, não concentrada, não unificada pelo próprio movimento do capital, e suas condições de vida e de trabalho tornavam-nos vítimas de julgamentos pequeno-burgueses e de ideias herdadas das antigas corporações.

Mas, como acontece frequentemente na história, toda época em movimento produz homens capazes de se anteciparem e de se projetarem para além de suas condições imediatas. Neste ponto, tais homens eram gigantes, pois sem seus ombros os proletários comunistas das gerações posteriores não poderiam elevar-se à altura de suas tarefas históricas.

“E o que lhes honra é que eles, que ainda não eram proletários na ampla acepção do termo, que constituíam apenas um elemento complementar da pequena-burguesia, mas em vias de evoluírem para o proletariado moderno, sem estarem entretanto em oposição direta com a burguesia, isto é, o grande capital, é que estes artesãos foram capazes de antecipar instintivamente seu desenvolvimento futuro e de se constituírem, se bem que isto ainda sem plena consciência, em partido do proletariado. Mas era igualmente inevitável que seus velhos preconceitos de artesãos viessem a todo instante lhes passar uma rasteira, quando se tratava de criticar mais precisamente a sociedade existente, isto é, de estudar os fatos econômicos. Não creio que neste período a Liga pôde contar com um único aderente que tivesse lido um tratado de economia. Mas isso não tinha grande importância. Naquele momento a igualdade, a fraternidade e a justiça bastavam para romper todo obstáculo teórico.” (Engels, *idem*)

Esse movimento de constituição da classe em partido não pode ser compreendido fazendo-se abstração da atividade desenvolvida por uma fração de comunistas para esclarecer e sistematizar os fundamentos teóricos do movimento, para forjar as bases do programa comunista. Estes dois aspectos (organização e teoria, partido e programa), exprimem as duas necessidades vitais que o jovem proletariado está prestes a descobrir. A partir de então, os dois termos não poderão ser separados, e o que se desdobra no decênio de 1840 é a junção destes dois fenômenos, operando profundamente no seio da classe proletária.

Na medida em que a influência de um Weitling (que numa época desempenhou o papel de teórico do proletariado alemão) se esgotava, porque não correspondia acima de tudo às necessidades e às condições sociais da época, era normal que o proletariado, ao mesmo tempo em que rejeitava as teses de Weitling como insuficientes, voltava-se para outras formulações mais vigorosas, outras compreensões mais ricas. Ao longo deste movimento é que o proletariado foi conduzido a encontrar o que a crítica da filosofia produzia de mais radical, de mais acabado: Feuerbach, Marx e Engels...

3. Da Liga dos Justos à Liga dos Comunistas

O movimento operário da primeira metade do século XIX exprimia, mesmo grosseiramente, a aspiração ao comunismo. O pensamento comunista crítico, que estava prestes a se livrar dos resíduos do pensamento burguês, não podia deixar de encontrar neste movimento, simultaneamente, seu fundamento e sua justificação. A crítica do mundo existente, ao encontrar o proletariado só podia tornar-se comunista e, de volta, fornecer a este comunismo em ato no interior do movimento proletário seu corpo teórico. Na Alemanha, é no plano da filosofia que se efetua a principal crítica. Strauss com sua *Vida de Jesus*, depois Feuerbach, exprimem uma crítica da religião que vai bem além de uma simples afirmação do ateísmo, colocando no primeiro plano da natureza e da história o único elemento que produz por si mesmo sua própria história: o homem.

Não puderam, entretanto, descobrir ainda que a classe que encarna este homem é o proletariado. Para que a crítica se apoie na realidade (a ideia deve tender para a realidade e a realidade para a ideia, diz Marx), isto é, para que ela reconheça no proletariado (e não na “massa” abstrata dos jovens hegelianos) o ser que a fundamenta como crítica revolucionária, era preciso que nascesse a crítica sem barreiras, que não se restringisse a um momento da realidade, mas os envolvesse a todos, em seu encadeamento, até remontar ao lugar onde se desnudam os segredos do mundo moderno, ao coração da produção capitalista: a crítica da economia política.

É este caminho que tomam, cada um por seu lado, Marx e Engels no início dos anos 1840.

“A teoria da evolução universal da razão e de seu papel encontra-se no sistema de Hegel que termina a obra dos filósofos franceses e dos revolucionários burgueses. Além do mais, quando o jovem Marx apareceu na cena política, o proletariado tinha crescido numericamente e sua potência na sociedade tinha se reforçado. É da observação da luta do proletariado que nasce em Marx e Engels a ideia de que a solução iluminista não é a verdadeira, a real, ao mesmo tempo em que veem onde esta se encontra: na luta do proletariado. Eles compreendem que não se podia resolver teoricamente a questão da emancipação da humanidade, porque o problema não havia sido colocado praticamente. Porque os burgueses raciocinam em nome de um homem abstrato, na categoria do qual o proletariado não entra. A libertação do homem deve ser encarada no campo prático e deve-se considerar o homem real, isto é, a espécie humana (vide as 8a e 10a teses sobre Feuerbach). Armado desta genial intuição, Marx vai fazer a crítica do sistema hegeliano. Tinha descoberto porque a dialética andava de cabeça para baixo. Com um delirante entusiasmo ele ataca o monstro (Marx é o novo Édipo que resolve os enigmas). Quando as dificuldades são muito grandes, retorna para o campo prático e atira à face do velho Hegel aquilo que é a realidade: a existência do proletariado.

Ante moderno, Marx sempre vem, para sustentar o combate, buscar novas forças no seio do proletariado, do qual explica a luta. Toda crítica de Marx a Hegel é fundamentada na existência do proletariado. É o ponto de junção entre a teoria e a luta (tentaremos também, sempre que possível, acentuar este aspecto). Marx era sensível a todas as lutas práticas e teóricas, estando também a par dos trabalhos dos outros combatentes como Engels, Moses Hess, os socialistas franceses, etc... Assim é que, finalmente, realizar-se-á esta somatória, esta integração histórica: o marxismo, teoria do proletariado, teoria da espécie humana, que surgirá com toda sua força em plena fase eruptiva do

desenvolvimento da sociedade humana, a revolução de 1848, com o Manifesto do Partido Comunista.” (*Invariance*, nº 1, *Antiga Série: Origem e Função da forma-partido*)⁴

Teoria e práxis fundem-se em uma síntese dialética. Assim como o pensamento puro é incapaz de compreender a realidade se ele não é fecundado pela atividade prática, a atividade revolucionária deve integrar a compreensão teórica de si própria para ter uma chance de transformar a realidade. Ao longo de seu desenvolvimento, o movimento também produz as bases da teoria que o fundamenta. Assim sendo, ele não produz uma enésima interpretação do mundo, mas sobretudo a compreensão de sua transformação. Ao mesmo tempo, ele se compreende como agente desta transformação. Assim, o movimento comunista apropria-se da justificação teórica de sua existência ao mesmo tempo em que a teoria reconhece seu fundamento material, real.

“O comunismo junto aos franceses e alemães, e o cartismo aos ingleses, não tinha mais a feição (uma vez estabelecida a concepção materialista da história – NDR) de alguma coisa puramente acidental que poderia muito bem não existir. A partir deste momento, estes movimentos apresentaram-se como as formas da luta de classes mais distintas de todas as antigas lutas de classe neste ponto especial: a classe oprimida atual, o proletariado, não pode realizar sua emancipação sem emancipar ao mesmo tempo toda a sociedade da divisão de classes, sem emancipá-la conseqüentemente das lutas de classes. Por comunismo, entendia-se não a construção, por um esforço de imaginação, de um ideal social tão perfeito quanto possível, mas a compreensão da natureza, das condições e dos objetivos gerais adequados da luta conduzida pelo proletariado.” (Engels, *Algumas palavras sobre a história da Liga*)

Uma tal passagem da crítica filosófica à crítica revolucionária, intimamente ligada aos esforços da própria classe para constituir-se em partido, mostra bem que o programa comunista não é fruto de cogitações individuais de alguns pensadores, mas que emana diretamente do proletariado, do

⁴ A trajetória da Esquerda Comunista da Itália, iniciada nos anos de 1910, no momento em que se destacava, no ascenso da vaga revolucionária, uma esquerda internacional pronta para restabelecer as posições autênticas da classe proletária, interrompe-se em 1966 (ver no já citado texto *Quem é Robin Goodfellow* um quadro de referência geral dos elementos que permitem compreender esta trajetória histórica). Foi necessária, então, uma cisão para superar a Esquerda, enquanto momento do partido histórico, esmagada pelo peso da contrarrevolução, para manter as posições autênticas que remontam ao Manifesto do Partido Comunista, isto é, para que o partido histórico pudesse cumprir sua missão de defender intransigentemente as posições comunistas para sua transmissão integral às gerações revolucionárias futuras. Depois de 1966, o trabalho de defesa e restauração da teoria comunista prosseguiu sob uma forma exclusivamente teórica através da revista *Invariance*, antiga série, números 1 a 7. No entanto, *Invariance* também acabou sucumbindo sob o peso da contrarrevolução, sob o peso dos mortos, a partir de seu número 8. Na nova série, acabou teorizando maio de 1968 como a irrupção do comunismo. Assim, a revolução comunista não era mais obra do proletariado, mas de uma “classe universal”, da “humanidade”. As classes médias assalariadas foram englobadas no proletariado. Renegando os princípios, acabou degenerando-se no confucionismo esquerdista que deifica o momento transitório, sem ver que o movimento da classe proletária é precisamente o de sua constituição em classe, portanto, em partido político distinto. Mesmo sucumbido na nova série ao modernismo esquerdista, ao democratismo, *Invariance*, antiga série, números 1-7, é a única expressão de todos os grupos que reivindicam a Esquerda Comunista da Itália cuja contribuição consideramos importante.

Invariance, antiga série, nº 1, republica o texto *Origem e Função da Forma-Partido*, publicado originalmente em língua italiana, em 1961, no jornal *Il Programma Comunista*, nº 13, órgão da Esquerda Comunista da Itália. Texto que torna precisas as noções de *partido formal*, *partido histórico* e *partido-prefiguração da sociedade comunista*, defendidas no seio da Esquerda por Bordiga e seus companheiros contra os elementos ativistas, os quais pregavam um novo *Que Fazer?* e uma maior participação nas lutas operárias que se desenvolviam, e isto em plena época de contrarrevolução, em detrimento das tarefas de restauração do programa comunista. Publicamos integralmente este texto em Comunismo ou Civilização nº 2 em língua portuguesa, como suplemento ao texto *Programa, Classe e Partido*. [Nota atualizada por nós em 2018]

qual ele exprime o ser revolucionário. “Este (o programa) nasceu, portanto, da luta e é esta força impessoal acima das gerações”. (*Invariance, antiga série, nº 1*)

A teoria não é, portanto, produzida fora da classe, depois injetada em seu interior por intelectuais, como deseja uma interpretação vulgar, mas é forjada nas lutas ao longo das quais exprime-se a natureza profundamente revolucionária do proletariado. É ele quem fornece todos os elementos necessários à sua própria compreensão destes movimentos. Cabe a alguns homens (que podem, por outro lado, muito bem serem externoss à classe proletária por suas origens sociais), isto é aos comunistas, isto é, ao partido comunista, fazer a síntese desses elementos, de lhes dar sua configuração teórica definitiva sob a forma de programa acabado, no qual exprime-se o ser revolucionário autêntico do proletariado.

Não se pode portanto abstrair a formação da teoria-programa comunista da formação do proletariado em classe e, portanto, em partido político. É ao longo de sua luta que o proletariado exprime e ressentido a necessidade de uma expressão teórica adequada a seus interesses e a seus objetivos, mas também de um órgão capaz de encarnar este programa, de o corporificar para que ele se torne uma verdadeira força material capaz de arrasar a sociedade capitalista.

É por isso que, ao mesmo tempo em que trabalham para formular o programa, os revolucionários tentam estreitar os laços com a classe. Nesta perspectiva, importava fazer obra de propaganda, inicialmente nos meios revolucionários e naqueles próximos do comunismo. É por isso que Marx e Engels fundam, no início de 1846, um *Comitê de Correspondência Comunista*, em Bruxelas, cujo objetivo será

“o de colocar os socialistas alemães em relação com os socialistas franceses e ingleses, de colocar os estrangeiros a par da agitação e das organizações socialistas que operam na Alemanha, e de informar os alemães dos progressos do socialismo na França e na Inglaterra. Assim, as divergências de ponto de vista poderão aparecer claramente e pode-se chegar a uma troca de ideias e a uma crítica imparcial. É um passo que o movimento social deve efetuar, na sua forma de expressão literária, para se desembaraçar de suas limitações nacionais.

E, no momento da ação, será certamente de grande utilidade para todos estarem informados do estado das coisas nos países estrangeiros, assim como no seu próprio.”
(*Carta de Marx a Proudhon, 5.05.1846*)

A tarefa imediata do comitê não era absolutamente trabalhar para a constituição de um partido comunista, mas na preparação deste, essencialmente por meio da propaganda e da luta teórica contra todas as expressões parciais e limitadas da luta das classes. O Comitê previa, a longo prazo, a realização de um congresso comunista e indicava em seu programa as tarefas principais:

- “1. Fazer prevalecer os interesses dos proletários contra os da burguesia;
 - “2. Atingir este objetivo pela abolição da propriedade privada e sua substituição pela comunidade dos bens;
 - “3. Não reconhecer outros meios para a realização destes objetivos a não ser pela revolução violenta e democrática.”
- (Engels, *Carta ao Comitê de Bruxelas. 23.10.1846*)

Conscientes de tudo o que o movimento comunista de então poderia comportar de ilusões, de aproximações teóricas, etc..., os fundadores do Comitê de Bruxelas estimam que é necessário proceder previamente a uma troca de pontos de vista e esclarecimentos por meio de uma correspondência regular (cf. Carta a Kottgen 15.06.1846). Na base da atividade de Marx e Engels

nos comitês de correspondência encontram-se já os princípios do comunismo científico em formação. No prefácio de 1859 à *Crítica da economia política*, Marx relembrou o caminho teórico que conduziu os primeiros teóricos do comunismo científico, da crítica da filosofia do direito à crítica da economia política. A intuição de que a chave para a compreensão dos fenômenos jurídicos e ideológicos não residem na própria esfera jurídica, mas no movimento material da sociedade, “e que a anatomia da sociedade civil deve ser procurada, por sua vez na economia política”, conduziu à formação dos seguintes princípios:

- As relações entre os homens (relações de produção) são determinadas independentemente de sua vontade pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais da sociedade;
- Sobre a base concreta das relações de produção eleva-se toda a superestrutura jurídica e política à qual correspondem formas de consciência sociais determinadas;
- Não é a consciência dos homens que determina seu ser, é inversamente seu ser social que determina sua consciência;
- Em um determinado estado de seu desenvolvimento, as forças produtivas sociais entram em contradição com as relações de produção (o que se exprime juridicamente por uma contradição com as relações de propriedade) que, de formas de desenvolvimento tornam-se então entraves;
- Abre-se então um período de revolução social;
- As relações burguesas de produção são a última forma contraditória do processo de produção social. Com elas acaba-se a pré-história da sociedade humana.

Todas estas teses, publicadas de forma esparsa⁵ em obras tais como *Esboço de uma crítica da Economia Política*, de Engels; *A Sagrada Família*; *A Questão Judaica*, *Notas sobre o artigo Rei da Prússia e Reforma Social*; *A Situação da Classe Operária na Inglaterra*; nas quais ainda falta uma formulação geral densa, precisa, que adquirirão no *Manifesto do Partido Comunista*, já formam um corpo suficientemente homogêneo para exercer uma profunda influência nos meios proletários comunistas, que não podiam se contentar durante muito tempo com as fábulas de um Weitling ou com as elucubrações pedantes dos “socialistas verdadeiros”, para satisfazer sua necessidade revolucionária fundamental: a previsão e a descrição da sociedade futura.

Se inicialmente, portanto, as posições desenvolvidas por Marx e Engels puderam aparecer como o produto de uma nova escola comunista entre outras, elas não tardaram a mostrar sua superioridade pelo fato de que forneciam ao movimento a compreensão de sua própria existência.

É por isso que a atitude de Marx e Engels frente ao movimento real será sempre materialista e dialética: não se trata de ditar ao movimento o que ele deve fazer, mas de defender as posições mais avançadas face às que demonstram uma compreensão ainda limitada e parcial da realidade. A atividade de Marx e Engels não podia ser reduzida, como os acusavam certos membros da Liga dos Justos, a uma atividade de “sábios” querendo reger os operários.

Ao mesmo tempo que conduziam uma crítica impiedosa às fraquezas e ilusões do movimento, Marx e Engels souberam reconhecer (como será o caso daí em diante) as forças autenticamente

⁵ “Mas temos neste momento a maior necessidade de algumas obras bem volumosas, a fim de fornecer um ponto de apoio sólido aos numerosos semi-ignorantes que estão cheios de boa vontade, mas que sozinhos não podem sair deste estado. Faça o possível para acabar seu livro de economia política, mesmo que você não estava totalmente satisfeito com numerosas passagens. Isto pouco importa, pois os espíritos estão maduros e é necessário forjar o ferro quando ele está quente”. (*Carta de Engels a Marx de 20.01.1845*)

revolucionárias, suscetíveis de evoluir para o comunismo autêntico. O que lhes chama a atenção é mais em função do que elas prefiguram do que elas encarnam imediatamente.

“A nós, essas pessoas dizem que são “o povo”, os “proletários”, e nós, nós apenas podemos dirigir-nos a um proletariado comunista que, na Alemanha, deve primeiramente constituir-se.” (*Carta de Engels a Marx, Dezembro 1846*)

“Diante da Liga dos Justos, nossa situação era a seguinte. Conhecíamos naturalmente a existência da Liga: em 1843, Schapper me havia convidado a participar dela; mas naquele momento, evidentemente, declinei sua proposta. Isto não nos impediu de manter uma correspondência constante com o grupo de Londres e de manter relações ainda mais estreitas com o doutor Everbeck, então à frente das seções de Paris. Sem nos imiscuirmos nas tarefas internas da Liga, estávamos sendo mantidos a par de todos acontecimentos importantes. Por outro lado, agíamos de viva voz, por cartas, pela imprensa, sobre as opiniões teóricas dos membros mais importantes da Liga. Recorriamos igualmente, com o mesmo objetivo, a diversas circulares litografadas que, em ocasiões particulares, quando se tratava de questões internas do *partido comunista em formação* (sublinhamos – NDR), enviávamos a nossos amigos e correspondentes. Nestas circulares às vezes chegava-se mesmo a colocar a Liga em questão (cf. circular contra Kriege – NDR).” (Engels, *Algumas palavras sobre a história da Liga...*)

É como fração mais avançada e mais lúcida que os comunistas intervêm no movimento, na medida em que este último é considerado como movimento de constituição da classe em partido, e que todo esforço teórico e prático deve centrar-se no esclarecimento das bases programáticas deste partido: os princípios comunistas. Em outras palavras, não bastava que se forjasse um partido formal, reivindicando abstratamente o comunismo, era ainda preciso que se abrisse o caminho do partido histórico, que se encarnasse num programa verdadeiramente revolucionário, válido para todo o ciclo de lutas proletárias, resumindo as condições de liberação do proletariado e capaz de enxergar o salto do mundo presente à sociedade futura. Para isso, era preciso que as correntes prontas para formar o partido aderissem ainda mais profundamente à doutrina comunista em formação e, assim sendo, fornecendo-lhes as bases para seu acabamento numa verdadeira totalidade orgânica, instrumento de transformação revolucionária da sociedade: a teoria torna-se força material quando atinge as massas (Marx).

Precisamente, às vésperas da revolução de 1848, a vanguarda revolucionária do proletariado ressentia mais profundamente a necessidade de um corpo de doutrina que resumisse suas condições de luta e de liberação. A Liga (que ganha nova direção em 1846), ressentia-se da necessidade de se transformar em um verdadeiro órgão do movimento proletário. A Mensagem de Novembro de 1846 sublinha a necessidade de constituir “um potente partido que conduza mais ou menos à transformação da sociedade atual”. Partido que estaria fundamentado numa “profissão de fé comunista”, servindo como princípio diretor. Ao mesmo tempo ela convoca, como prelúdio a um congresso geral dos comunistas em 1848, um congresso da Liga que discutiria a política de alianças com os burgueses radicais; a política a ser seguida em relação à religião; a congregação dos partidos “sociais e comunistas”.

Na medida em que esta iniciativa foi tomada completamente fora das outras correntes comunistas, notadamente do comitê de Bruxelas, Marx e Engels viram nisso um sinal de falta de maturidade do movimento que, por si próprio não poderia destacar-se suficientemente do passado para formar um verdadeiro partido comunista revolucionário. É igualmente a consciência desta fraqueza e a necessidade absoluta de fundir os dois momentos do partido comunista em

formação que impulsionará, por seu lado, os dirigentes da Liga dos Justos, em 1847, a reatar com os bruxelenses, propondo-os a colaborarem diretamente com a Liga.

A mensagem de J.Moll, propondo uma colaboração recíproca no interior da Liga coroava os esforços de Marx e Engels para a clarificação das posições comunistas e seu reconhecimento pelo movimento proletário.

“Se quiséssemos aderir, dar-nos-iam a ocasião, num congresso da Liga, de desenvolver nosso comunismo crítico em um Manifesto, que seria publicado em seguida como Manifesto da Liga; podíamos igualmente intervir a fim de substituir a superada organização da Liga por uma nova organização, tal como exigiam a época e o objetivo perseguido.

Que era preciso, na classe operária alemã, uma organização, que fosse apenas para propaganda e que esta organização, na medida em que não era unicamente local, só poderia ser, mesmo fora da Alemanha, uma organização secreta, não tínhamos a menor dúvida. Ora, a Liga constituía precisamente uma organização deste gênero. O que criticávamos até então na Liga, os representantes da Liga aí atualmente reconheciam o lado defeituoso e o sacrificavam. E nos convidavam assim mesmo a colaborar na organização. Podíamos recusar? Evidentemente que não. Entramos então na Liga.” (Engels, *Algumas palavras...*)

A fusão do comunismo na formação com a organização da classe operária (Liga dos Justos) devia evidentemente desembocar numa transformação profunda desta última, a qual desde o 1o Congresso de junho de 1847 passou a chamar-se Liga dos Comunistas. Esta transformação completou-se somente através de uma luta de vários meses, ao longo da qual a maioria do partido reconheceu como sua base teórica o comunismo científico defendido por Marx e Engels e cujos fundamentos serão expressos no Manifesto. Os progressos alcançados podem ser medidos comparando-se os textos dos primeiro e segundo congressos (junho e dezembro de 1847). Os estatutos definitivos adotados em dezembro encontram-se despojados das características humanistas que ainda permeiam na época do estatuto de junho.⁶

O artigo 1 dos projetos de estatutos (junho) declarava:

“A Liga tem por objetivo a supressão da escravidão dos homens pela difusão da teoria da comunidade dos bens e, desde que possível, pela sua introdução na prática.”

Em compensação, nos estatutos definitivos da Liga adotados em dezembro proclamava:

“O objetivo da Liga é a derrubada da burguesia, o reino do proletariado, a supressão da velha sociedade fundada sobre os antagonismos de classe e a fundação de uma nova sociedade sem classes e sem propriedade privada.” (Artigo I)

⁶ O estalinista espanhol F. Claudin (cf. *Marx e Engels e as Revoluções de 1848*), permite-se acusar Engels de haver realizado a “primeira tentativa de hagiografia” comunista, uma vez que ele relata em *Algumas palavras...* o episódio dos dois congressos, datando a adoção definitiva pela Liga das posições defendidas por Marx e Engels no primeiro, e não no segundo congresso da Liga. Claudin finge acreditar que Engels pretendia assim demonstrar a superioridade total das concepções comunistas, que teriam sido adotadas sem discussões, etc... Ora, o importante não é que Engels, relatando os fatos 40 anos depois, e provavelmente sem documentação original, tenha cometido este erro cronológico, mas que ele soube restituir a tendência fundamental que operava no interior do movimento operário da época: a maré montante irresistível das posições comunistas que iam cristalizar-se como programa e aparecer imediatamente como programa da *Liga dos Comunistas*, desde que esta tivesse acabado de se desembaraçar da herança da *Liga dos Justos*.

A vaga noção humanista de “escravidão dos homens” foi substituída pela noção materialista e dialética de “sociedade burguesa” como reino da “propriedade privada”; e a de “comunidade dos bens” pela de “sociedade sem classes e sem propriedade privada”, e, enfim, o proletariado é claramente definido como o instrumento desta liberação.

Ao longo do segundo congresso:

“Todas as contradições e todos os pontos litigiosos foram expostos claramente; os novos princípios foram adotados unanimemente e nos encarregaram, a Marx e a mim, de redigir o Manifesto. Fizemo-lo sem nenhum atraso. Algumas semanas antes da revolução de fevereiro, expedimos o Manifesto para Londres, para fins de impressão. Desde então, ele rondou o mundo; foi traduzido em quase todas as línguas e serve ainda hoje, nos mais diversos países, de guia do movimento proletário. A antiga divisa da Liga: todos os homens são irmãos, foi substituída pelo grito de guerra: proletários de todos os países, unam-se!, que proclamava abertamente o caráter internacional da luta. Dezesete anos mais tarde, este grito de guerra voltou a encher o mundo, como o grito de guerra da Associação Internacional dos Trabalhadores, e hoje o proletariado militante de todos os países inscreveu-o em sua bandeira.” (Engels, *Algumas palavras...*)

4. Partido comunista e partidos operários

A Liga dos Comunistas foi o primeiro partido comunista que repousou sobre os princípios do comunismo científico e organizado em escala internacional, tendo por objetivo colocar-se à frente do movimento proletário para guiá-lo e dirigi-lo no terreno do confronto histórico contra a burguesia pelo comunismo.

Disto, a própria Liga testemunha, comentando a mudança de nome operado desde o primeiro congresso.

“A modificação da Liga dos Justos em Liga dos Comunistas foi adotada primeiramente porque o antigo nome foi revelado aos governos pela infame traição do Sr. Mentel e que, em virtude disso, uma modificação parecia indicada. Em segundo lugar, e sobretudo, porque o antigo nome havia sido adotado em circunstâncias particulares e considerando-se acontecimentos particulares que nada mais têm a ver com os objetivos atuais da Liga. Este nome está portanto superado e não exprime absolutamente nada do que queremos. Quantas pessoas não querem a justiça, ou o que elas chamam de justiça, sem que por isso sejam comunistas. Ora, nós não nos distinguimos pelo fato de que nos atrelamos à ordem social estabelecida e à propriedade privada, pelo fato que queremos a Comunidade dos bens, porque somos comunistas. Há apenas um único nome que convém à nossa Liga e que exprime o que realmente somos, e é este nome que escolhemos.”
(Relatório do primeiro congresso, 1847)

Tendo por base a teoria comunista – mesmo se, simultaneamente, a Liga ainda veiculava um bom número de ilusões herdadas da antiga Liga dos Justos -, e dirigindo toda sua ação para a realização da sociedade comunista, a Liga constitui, em relação ao resto do movimento operário, esta fração que tem “sobre o restante do proletariado a vantagem de uma inteligência clara das condições, da marcha e dos resultados gerais do movimento proletário.” (Manifesto)

Ora, ao mesmo tempo em que tentava ampliar sua influência e colocar-se sempre na vanguarda do movimento, a Liga não se concebia como a única representante do proletariado e mantinha relações com outras organizações operárias, tais como os *Fraternal Democrats*, etc... Toda esta tática foi exposta no *Manifesto*, especialmente nos capítulos *Proletários e Comunistas* e *Posição dos comunistas frente aos diferentes partidos de oposição*.

Traçar os limites históricos da validade desta distinção entre partidos operários e partido comunista é também garantir-se contra toda tentativa de negar ao partido que virá o caráter de partido comunista puro, único, e erguido contra todos os partidos e formações existentes, inclusive os que reivindicam fraudulentamente o comunismo e o socialismo e apenas acolhem em seus quadros uma fração da classe operária para melhor enquadrá-la ao serviço do capital. É por isso que dedicamos algumas teses a esta questão, que extrapola o simples episódio da Liga e do movimento de 1848.

As condições modernas da produção produziram uma classe sem reserva, totalmente despojada, reduzida a vender sua força de trabalho para sobreviver e que não tem qualquer existência social reconhecida no seio da sociedade. Sucessivamente, aristocratas e burgueses ocupam o primeiro plano da cena e fazem prevalecer seus interesses que, de revolucionários tornam-se conformistas e depois reacionários, mas o proletariado, defendendo seus interesses revolucionários, defende ao mesmo tempo os interesses históricos de toda a espécie humana.

“Os proletários não têm nada a salvar que lhes pertença: têm que destruir toda segurança privada, todas as garantias privadas anteriores (...). O proletariado, camada inferior da sociedade atual, não pode se colocar de pé, endireitar-se, sem explodir toda a superestrutura das camadas que constituem a sociedade oficial.” (*Manifesto do Partido Comunista*)

Para defender estes interesses revolucionários, o proletariado deve deixar de ser uma classe atomizada, oposta a si própria na concorrência, para tornar-se uma única força, unitária. Todo este processo histórico, descrito em vários lugares no Manifesto, é o da constituição do proletariado em classe e, portanto, em partido (cf. igualmente Miséria da Filosofia)⁷

Para fazer prevalecer seus interesses de classe, que são, por definição hostis à sociedade como um todo, o proletariado não tem outro recurso que não o da unificação de seus membros. Se o sindicato, ou outra organização econômica, cumpre este papel no que diz respeito aos interesses imediatos da classe, a defesa de seus interesses vitais só pode caber à organização em partido, a única capaz de promover os interesses históricos do proletariado.

O primeiro passo da classe na direção de sua emancipação é portanto a constituição de um partido, que é dito “operário” no sentido de que é distinto e oposto a TODOS os partidos da velha sociedade: feudais, burgueses, pequeno-burgueses, etc...

Esta capacidade de reagrupamento e de união não é dada de imediato, mas já constitui por si mesma o resultado de uma longa luta de classes e marca uma primeira etapa (e uma primeira vitória) proletária no longo enfrentamento que opõe o proletariado à burguesia.

“Nos países europeus foi preciso à classe dos trabalhadores anos e mais anos para compreender plenamente que ela forma uma classe distinta e, nas condições existentes, uma classe permanente da sociedade moderna. E foi preciso ainda outros anos para que esta consciência de classe a conduzisse a se formar em um partido político distinto, independente e inimigo de todos os antigos partidos políticos formados pelas diversas frações da classe dominante.” (Engels, *Prefácio à edição americana de 1887 à A Situação da classe trabalhadora na Inglaterra*)

⁷ Nesta obra de 1847, Marx sublinha o papel das associações econômicas (*Trade-Unions*, coalizões, etc...) no processo de unificação da classe em torno de seus interesses comuns, fase ao longo da qual ela toma consciência de formar apenas uma classe oposta à burguesia e forja as condições para ampliar a luta para o terreno político.

“A grande indústria aglomera num mesmo local uma multidão de pessoas que não se conhecem. A concorrência divide os seus interesses. Mas a manutenção do salário, este interesse comum que tem contra o seu patrão, os reúne num mesmo pensamento de resistência - *coalizão*. A coalizão, pois, tem sempre um duplo objetivo: fazer cessar entre elas a concorrência, para poder fazer uma concorrência geral ao capitalista. Se o primeiro objetivo da resistência é apenas a manutenção do salário, à medida que os capitalistas, por seu turno, se reúnem em um mesmo pensamento de repressão, as coalizões, inicialmente isoladas, agrupam-se e, em face do capital sempre reunido, a manutenção da associação torna-se para elas mais importante que a manutenção do salário. Isto é tão verdadeiro que os economistas ingleses assombram-se ao ver que os operários sacrificam boa parte do salário em defesa das associações que, aos olhos desses economistas, só existem em defesa do salário. Nesta luta - verdadeira guerra civil - reúnem-se e se desenvolvem todos os elementos necessários a uma batalha futura. Uma vez chegada a este ponto, a associação adquire um caráter político.

As condições econômicas, inicialmente, transformaram a massa do país em trabalhadores. A dominação do capital criou para esta massa uma situação comum, interesses comuns. Esta massa, pois, é já, frente ao capital, uma classe, mas ainda não o é para si mesma. Na luta, da qual assinalamos algumas fases, esta massa se reúne, se constitui em classe para si mesma. Os interesses que defende se tomam interesses de classe. Mas a luta entre classes é uma luta política.” (*Miséria da Filosofia*)

Esta citação de Engels confirma claramente toda a teoria comunista do partido e sua defesa efetuada pela Esquerda Comunista da Itália. A classe somente é classe quando é constituída em partido, quando produz esse órgão capaz de transcender os interesses imediatos, as diferenças de situações individuais, as condições locais, etc..., para chegar à altura dos interesses gerais e comuns a toda classe.

“Do mesmo modo que a classe se forma à medida em que progredem certas condições e certas relações emergidas do desenvolvimento de um novo sistema da produção, por exemplo, a aparição das grandes fábricas utilizando a força motriz, que recrutam e formam uma mão de obra numerosa, do mesmo modo os interesses desta coletividade começam pouco a pouco a concretizar-se em uma consciência mais precisa, que começa a desenhar-se em pequenos grupos desta coletividade. Quando a massa é empurrada à ação, são estes primeiros grupos que possuem a visão de um objetivo a ser atingido que sustentam e dirigem o conjunto (...) estes grupos, estas minorias, não são outra coisa senão o partido.” (*Partido e Classe, 1921*)⁸

O proletariado inicia seu longo caminho revolucionário constituindo um (ou) partido(s) operário(s). Em relação a estes partidos, os comunistas não formam um partido distinto, mas têm a compreensão do movimento geral da luta de classes. Eles batalham portanto para que o programa do partido operário seja cada vez mais próximo do programa comunista. Batalha que nada tem a ver com uma contenda intelectual que opõe concepções divergentes do mundo, mas que se efetua materialmente na luta de classes e na qual o papel dos comunistas não é o de “se apresentar ao mundo como doutrinários”, mas de prever e anunciar ao movimento seu próprio

⁸ O texto *Partido e Classe*, publicado pela Esquerda Comunista da Itália em 15.04.1921, no periódico *Rassegna Comunista*, ano I, n.º 2, torna precisas as relações entre partido e classe e, portanto, o papel do partido comunista na revolução proletária. Ali, como em outras ocasiões, é demonstrado que a classe só age como classe quando se constitui em partido. Somente quando o proletariado supera o horizonte limitado da sociedade burguesa, quando a classe proletária deixa de ser uma mera e simples classe para o capital, um joguete nas mãos das classes dominantes submetida às vicissitudes da produção capitalista (vista como fatalidade de um movimento natural), quando sua ação adquire um objetivo revolucionário, isto é, quando se constitui em partido comunista, é que se realiza seu ser revolucionário. O proletariado é revolucionário ou não existe. Erguendo-se frente à sociedade capitalista, a classe para o capital, classe em si, torna-se classe em si e para si, negação do capital. Neste mesmo texto, também se detalha que a revolução não é uma questão de forma de organização. O que faz com que a organização do proletariado mostre-se revolucionária é seu conteúdo, seu programa. Impulsionados para um mesmo objetivo, os membros da classe proletária forjam um programa que lhes é comum, reunindo-os numa ação comum. Quando há conjugação desses dois fenômenos: unidade de consciência e unidade de ação, está criada a base do partido. Este recolhe todas as energias revolucionárias da classe e totaliza-as numa unidade que é superior à sua simples adição numérica. O que faz o partido, o que define seu ser, não é o número de proletários que a ele aderem num dado momento, mas o programa, isto é, a consciência acabada daquilo que o proletariado É e o que será historicamente obrigado a fazer: a revolução comunista e a instauração da sociedade comunista. Quanto à realidade de que o partido é uma minoria da classe e que isto nada tem a ver com a mistificação democrática de “maioria” por oposição à “minorias” – conceitos estatísticos burgueses -, basta recordar Lenin:

“A fraqueza numérica dos internacionalistas realmente revolucionários? Provem-na! Como exemplo, tomemos a França de 1780 e a Rússia de 1900. A fraqueza numérica dos revolucionários conscientes e resolutos que, no primeiro caso eram os representantes da burguesia - a classe revolucionária da época - e, no segundo caso, os representantes da classe revolucionária atual, o proletariado, sua fraqueza numérica era muito grande. Não havia mais do que unidades formando, no máximo, 1/10.000 ou mesmo apenas 1/100.000 de sua classe. E alguns anos depois estas mesmas unidades, estas mesmas minorias ditas tão ínfimas, arrastavam atrás de si as massas, milhões e dezenas de milhões de indivíduos. Por quê? Porque esta minoria representava verdadeiramente os interesses dessas massas, porque tinha fé na futura Revolução, porque estava pronta para servi-la com coragem. A fraqueza numérica? Mas, desde quando os revolucionários fazem depender sua política do fato de que eles estejam em minoria ou em maioria?” (Lenin, *Carta aberta a B. Souvarine*. Dezembro de 1916, em *Obras Completas* t.23)

devir, em função do que ele é obrigado a fazer, em conformidade ao desenvolvimento da realidade histórica e social.⁹

Em um primeiro momento os comunistas encorajam os proletários a se organizarem em partido, pois a teoria não poderá “agarrar as massas” a não ser que estas já tenham, por si próprias, começado a quebrar o estado de fragmentação e de dispersão no qual a contrarrevolução as mantém.

“Uma coisa está solidamente assegurada na nossa maneira de proceder *em todos os países e tempos modernos*: conduzir os operários a constituírem seu próprio partido independente e oposto a todos os partidos burgueses.” (*Carta de Engels a Kautsky de 04.09.1892* – sublinhamos, NDR)

“Para que no dia da decisão o proletariado esteja bastante forte para vencer – e isto, Marx e eu temos defendido desde 1847 – é necessário que se forme um partido autônomo, separado de todos os outros e oposto a todos eles, um partido de classe consciente.” (*Carta de Engels a Gerson Trier de 18.12.1889*)

Vemos perfeitamente que o proletariado deve formar um partido político distinto e oposto aos das outras classes. Em contrapartida, os comunistas não formam um partido distinto deste partido operário, trabalham no interior deste para que o confronto com as forças que constituíram um momento já superado desemboque na adoção e reforço do programa comunista..

Para que haja partido operário, isto é, órgão revolucionário, é necessário que este partido se oponha aos partidos burgueses ao menos em três pontos:

- Constituição do proletariado em classe;
- Derrubada da dominação burguesa;
- Conquista do poder político pelo proletariado.¹⁰

É somente frente a um partido que possua tal programa (o qual constitui um mínimo) que os comunistas podem desenvolver uma atividade sistemática de contato, de conselho, de propaganda, a fim de que seja adotado, cada vez mais, o programa comunista, mesmo se além destes pontos cruciais o partido tem apenas uma fraca consciência dos objetivos da revolução comunista ou da concepção materialista da história. Este mínimo de posições revolucionárias, os comunistas as partilham com o partido operário, mesmo se, para eles, elas constituem um objetivo imediato e não o objetivo final de sua atividade. Por esta razão, eles não formam um partido distinto deste partido operário. Batalham em seu interior para que além dos objetivos imediatos que lhes são comuns, este partido adote um programa cada vez mais comunista.

⁹ É isto que significa a seguinte frase do *Manifesto*: “Os comunistas não estabelecem princípios particulares sobre os quais poderiam querer modelar o movimento proletário.”

¹⁰ “Entretanto o partido operário social-democrata alemão, precisamente porque é um partido operário, conduz necessariamente uma “política de classe”, a política da classe operária. Como todo partido político esforça-se para conquistar o poder do Estado, o partido social-democrata alemão aspira necessariamente estabelecer seu poder, a dominação da classe operária, portanto uma “dominação de classe”. Além do mais, todo partido verdadeiramente proletário, a começar pelos cartistas ingleses, sempre colocou como primeira condição a política de classe, a organização do proletariado em partido político de classe, a organização do proletariado em partido político independente e, como primeiro objetivo da luta, a ditadura do proletariado.” (Engels, *A Questão da Habitação*)

“O objetivo imediato dos comunistas é o mesmo que o de todos os partidos operários: constituição do proletariado em classe, derrubada da dominação burguesa, conquista do poder político pelo proletariado.” (*Manifesto do Partido Comunista*)

Em relação a esses partidos operários, os comunistas (desde que o programa tenha recebido uma formulação adequada que o fez como uma totalidade orgânica desde 1847) possuem uma consciência do movimento histórico que lhes permite situar além dos objetivos imediatos do partido operário e de influir sobre estas forças que se situam na vanguarda da classe para facilitar sua apropriação do programa comunista.

“De uma parte, nas diferenças nacionais dos proletários eles (os comunistas) colocam e fazem valer os interesses independentes da nacionalidade e comuns a todo o proletariado. De outra parte, nas diferentes fases de desenvolvimento por que passa a luta entre proletariado e burguesia, eles sempre representam os interesses do movimento em sua totalidade.” (*idem*)

Isto quer dizer que são capazes de prever o movimento e ir além da consciência que este se dá num dado momento.

Enquanto o partido operário constitui um momento inferior, embora necessário da vida da classe, os comunistas encarnam a integralidade do caráter revolucionário da classe, simultaneamente no tempo e no espaço. Sua compreensão mais adequada do movimento revolucionário permite-lhes, enquanto participam ativamente na constituição do partido operário (momento de unificação da classe), prever e indicar o caminho para a passagem ao momento superior: “... no movimento presente (os comunistas) defendem e representam o futuro do movimento.”

“Praticamente os comunistas são a fração mais resoluta dos partidos operários de todos os países, a fração que conduz todas as outras; no plano da teoria eles têm sobre o restante do proletariado a vantagem de uma compreensão clara das condições do avanço e dos resultados gerais do movimento proletário.” (*idem*)

Esta “compreensão clara” encontra seu resumo teórico no Manifesto do Partido Comunista, e seu desenvolvimento em toda a obra comunista. Ela compreende o movimento emancipador do proletariado como o episódio moderno da luta de classes que caracteriza a história escrita até os dias de hoje. Ela apreende este movimento como produto das contradições profundas da sociedade burguesa e prevê que “a burguesia produz antes de tudo seus próprios coveiros. Sua derrubada e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis.” (*Idem*)

Com relação aos cartistas, animados pela perspectiva de “felicidade social”, sem outra precisão, ou às diversas escolas socialistas que pregam a “comunidade dos bens”, os comunistas enunciam o segredo da passagem à sociedade futura, “eles podem resumir sua teoria nesta fórmula única: abolição da propriedade privada” (*Idem*)

Assim procedendo, o comunismo científico exprime melhor do que qualquer outra doutrina a própria essência do combate que opõe o proletariado à burguesia. De um lado a classe sem-reserva, para a qual toda propriedade já foi destruída; de outro o capital que se apropria da mais-valia graças à exploração do proletariado. Ocorre somente ao comunismo descobrir e compreender os fundamentos desta exploração. Ele portanto afirma-se como a arma mais

apropriada para combatê-la teórica e praticamente. É por isso que na luta que o opõe a todas as outras frações e tendências, é o comunismo que acaba vencendo.

Isto porque:

“As teses dos comunistas não repousam absolutamente sobre idéias, princípios inventados ou descobertos por tal ou qual reformador do mundo. Elas são unicamente a expressão geral das condições reais de uma luta de classe existente, de um movimento histórico que se opera sob nossos olhos.” (*idem*)

No plano organizacional, os comunistas forçam a constituição de partidos operários, uma vez que o nível atingido pela luta de classes ainda não permite a adoção imediata do programa comunista. A relação geral entre partido comunista e partidos operários é a seguinte:

“Os comunistas não formam um partido distinto e oposto aos outros partidos operários. Eles não têm nenhum interesse que divirja dos interesses do conjunto do proletariado. Eles não estabelecem princípios particulares sobre os quais desejariam modelar o movimento proletário.” (Idem)

A formação de um partido comunista é evidentemente inseparável do próprio movimento de constituição do proletariado em classe, isto é, em partido político. Durante toda uma etapa do movimento operário, na qual o programa comunista ainda não havia demonstrado teórica e praticamente sua superioridade sobre as outras escolas emergidas do proletariado, esta constituição em partido somente poderia ser feita na base de posições mínimas, das quais já falamos anteriormente: derrubada da burguesia, conquista do poder político pelo proletariado. Nessa perspectiva, os comunistas agem no interior do partido operário para conduzi-lo a superar suas condições iniciais até que escreva em sua bandeira: abolição da propriedade privada, apropriação coletiva dos recursos sociais pela espécie humana associada em comunidade, isto é, até que ele faça do programa comunista o seu programa.

Se eles se separassem deste movimento da constituição do proletariado em classe, os comunistas jamais superariam o estágio de seita. Poderiam constituir um partido comunista que não seria o partido operário e que vegetaria ao lado de um partido operário, o qual não se tornaria nunca comunista.

Mas, quando o movimento atinge um certo estágio, ele não pode mais se contentar em constituir-se em partido operário sobre a única base das posições mínimas, sem ao mesmo tempo fazer referência explícita ao objetivo final, isto é, ao comunismo. É por isso que chega um momento em que a constituição da classe em partido operário não é outra coisa senão sua constituição em partido comunista. Isto é, que se constitui um partido cujo programa é imediatamente o programa comunista integral. Tal movimento não se produz nem mecânica nem gradualmente, como demonstra um sobrevoo histórico das principais etapas da constituição da classe em partido.

Resumidamente podemos traçar a seguinte tipologia das relações entre partido comunista e partidos operários, isto é, em definitivo, entre o partido comunista e a classe. (Todo nosso trabalho posterior, ao longo desta série, ilustrará e aprofundará os episódios abaixo mencionados).

Os conceitos de *partido operário* e *partido comunista* não substituem os de *partido formal* e *partido histórico*. Se o *partido histórico* é sempre comunista, ele não foi sempre formalizado ao longo da

história como partido comunista formal puro, mas no início do movimento operário como *partido operário*, no interior do qual o partido comunista histórico atuava para defender e propagandear os princípios comunistas. Deste fato, o conceito de partido formal é tanto aplicável a um simples partido operário, quanto ao partido comunista (partido comunista histórico formalizado).

Temos portanto:

- **1847 – 1852.** A Liga dos Comunistas é o partido comunista constituído, atuando em escala internacional. Mantém relações com outros partidos operários tais como os cartistas (até 1848) ou os “reformadores agrários na América do Norte” (cf. Manifesto do Partido Comunista), e relações com os partidos democratas burgueses ou pequeno-burgueses no quadro da revolução em permanência, na França até junho de 1848 e, sobretudo, na Alemanha. Tenta unificar e/ou organizar os partidos operários lá onde ainda não existem, como numa fase posterior da revolução alemã, mas tais tentativas são marcadas por reveses.

O partido não sobrevive à derrota do movimento revolucionário e a organização formal dissolve-se em 1852. O legado teórico fornecido (o Manifesto e outros trabalhos) constitui a base para a continuidade do partido comunista no sentido histórico do termo.

- **1864 – 1872.** A classe reconstitui-se novamente em partido em uma base muito mais extensa do que em 1848, simultaneamente no espaço e na própria classe, pois ele reagrupa, integrando de maneira muito mais ampla, associações operárias, sindicatos, etc... Desta vez tem-se a constituição de um verdadeiro partido operário em escala internacional, no seio do qual os comunistas podem agir para tentar fazer triunfar seus princípios. Justamente porque se trata de um partido operário e não de um partido comunista é que a AIT pôde organizar tão amplamente a classe, integrando em seu próprio interior as organizações imediatas da classe (*Trade-Unions* e sindicatos do continente europeu).

Por essa razão, ela pôde reagrupar uma fração da classe quantitativamente mais importante com verossimilhança a um partido comunista puro, cujos critérios de adesão são muito mais seletivos. Tem-se aqui a ilustração exata do Manifesto: os comunistas não formam um partido distinto e oposto aos outros partidos operários. A corrente comunista coloca-se mesmo à frente do partido (Conselho Geral da AIT), conduzindo uma luta encarniçada para que sejam reconhecidos os limites do partido operário e, numa escala menor, alguns traços fundamentais do comunismo (cf. Engels dizendo que devemos abandonar a linguagem difícil do Manifesto na redação dos estatutos).

Deve-se notar que os anarquistas, na medida em que nem mesmo reconhecem a necessidade da constituição da classe em partido e a derrubada da burguesia, através da conquista do poder político, não constituem e jamais constituíram uma fração do partido operário. São inimigos do proletariado e devem ser expulsos do partido, o que foi feito ao longo dos congressos sucessivos. Jamais tendo sido aceitos, entraram no partido por fraude. É portanto falso apresentar os anarquistas e comunistas como membros brigados de uma mesma família. A contribuição da AIT foi precisamente a de interditar para sempre o reconhecimento dessa doutrina como doutrina proletária, o que ela por sua vez jamais foi.

O partido não sobrevive à derrota da Comuna (1871); a atividade do partido comunista prossegue enquanto expressão do partido comunista no sentido histórico do termo.

- **1872 – 1889.** O movimento não pode mais se contentar com uma ampla união como a da AIT, se bem que ela serviu para decantar as posições cardinais do movimento proletário e eliminar, em grande parte, as suas expressões inadequadas. É necessário que, doravante, o proletariado tenda a se situar na base do programa comunista. Em outras palavras, que trabalhe para constituir partidos comunistas verdadeiramente proletários, reagrupando a fração mais avançada da classe em uma base mais desenvolvida, o que a Liga dos comunistas não podia fazer em 1848. Para isso, é necessário inicialmente constituir partidos operários em cada país, organizando amplas frações da classe e aí conduzir a luta pela vitória do programa comunista.

É por isso que a palavra de ordem deste período (que é, ao mesmo tempo período de reforço do capital e de consolidação das relações sociais capitalistas, e que será visto mais tarde como período “pacífico” do desenvolvimento do MPC) é a constituição de partidos operários nacionais, isto é, que reagrupam a classe operária de cada país. O partido comunista histórico intervém para impedir que tais partidos se constituam numa base errônea (luta contra os Lassalianos na social-democracia alemã), ou muito confusa (retomada por Marx da redação do programa do partido operário francês), ou sectária (convite de Engels aos socialistas alemães da América a novamente unirem-se ao partido de Henry George). Para justificar esta tática, Engels afirma:

“Se, de 1864 a 1873, nós tivéssemos colaborado apenas com aqueles que reconhecessem abertamente nosso programa, onde estaríamos hoje? Penso que nossa prática mostrou que é possível trabalhar com o movimento geral da classe operária em cada uma das diversas etapas, sem abandonar nem esconder nossa posição distinta e mesmo nossa organização.” (Engels a Florence Kelley-Vischnevetsky 27.01.1887)

Ao *Socialist Labor Party* americano, que recusava trabalhar com o partido de Henry George, escreveu:

“Um ou dois milhões de votos operários em novembro para um partido operário verdadeiro têm hoje infinitamente mais valor do que uma centena de milhares de votos em favor de um programa perfeito de um ponto de vista teórico (...), ainda não chegou o momento para criticar Henry George a fundo. Mais vale que o partido comece a formar-se mesmo com um programa não totalmente puro. Logo em seguida, os operários compreenderão por si mesmos do que se trata, tirarão as lições de seus próprios erros.” (Engels, 28.12.1886)

No decorrer dos anos 1880 Engels se opunha, até que o perigo anarquista tornou-se inevitável, à fundação de uma Segunda Internacional. Fiel à tática definida para este período, dizia que era necessário esperar que ingleses e franceses criassem partidos operários tão fortes como o alemão. Assim, a predominância do programa comunista nestes três maiores países do continente europeu, vivendo um mesmo ritmo, poderia permitir-lhes arregimentar em seguida todo o proletariado europeu, sem passar pela constituição formal de uma Internacional (cf. carta a Lafargue de 17.08.1881)

Infelizmente a IIª Internacional ganhou corpo antes que estas condições fossem preenchidas; isto, junto ao fenômeno oportunista gerado pela fabulosa expansão do MPC durante este período, fez com que o partido internacional jamais atingisse o grau de pureza que ele poderia e deveria ter atingido para bem conduzir sua missão.

- **1889-1914.** Segunda Internacional. Constituída como federação dos partidos formados no período precedente, em que todos, de uma maneira ou de outra, reivindicam, pelo menos

formalmente, os ensinamentos do programa comunista e a herança do movimento comunista desde 1848, mas que não são tão puros como seria necessário.

Mas, de uma parte a Internacional nunca tomou forma de um órgão mundial, centralizado, unificado em torno de um programa único. De outra parte, ela não dispunha de uma armadura teórica bastante sólida para resistir aos diferentes ataques revisionistas e reformistas que surgiam em seu próprio seio. De um lado, a afirmação estereotipada e dogmática de citações sem qualquer critério do programa conduz à traição pura e simples deste em 1914. De outro lado, a reação dos elementos de esquerda (que também assume a forma de um trabalho de restauração teórica, ver principalmente Rosa Luxemburgo, Lenin, o círculo Karl Marx de Nápoles) é muito fraca para impedir que o conjunto do partido soçobre totalmente. O partido comunista histórico (encarnado pelas esquerdas) é impotente para impedir o partido formal de tornar-se um órgão da contrarrevolução. Embora tivesse tido êxito ao impedir que a Iª Internacional caísse nas mãos dos anarquistas, desta vez o partido não é dissolvido no momento em que é vencido. Ele perdura, mas como órgão contrarrevolucionário nas mãos do inimigo da classe. É uma derrota de pesadas consequências pois a contrarrevolução utilizará este instrumento para dividir o proletariado. Os revolucionários reagiram com um retorno às fontes, banindo o termo de social-democracia em nome do comunismo (cf. Lenin), mas teria sido melhor se o partido degenerado tivesse sido igualmente destruído.

- **1919-1928.** Internacional Comunista. Constituída imediatamente como partido operário comunista internacional na base, claramente afirmada, do programa comunista. Fora deste partido não pode haver partido operário digno deste nome. A melhor prova disto é que os partidos comunistas se separam dos antigos socialistas na própria base dos critérios que nos servem para definir a noção de partido operário. Na vaga de cisões dos anos 1920, são os comunistas que defendem a derrubada da burguesia e a conquista do poder político, contra os socialistas que pregam a ação parlamentar como instrumento de transformação gradual da sociedade e a aliança com as correntes burguesas contra a reação. Traça-se assim uma linha de demarcação histórica definitiva. Ou surge um partido operário que reivindica imediatamente o comunismo, ou, sob a máscara do partido operário, trata-se de um órgão que aplica uma política burguesa e contrarrevolucionária. Por ter perdido de vista esta linha de demarcação, a IC com a política de frente única, na verdade a absorção do partido comunista nas fileiras dos autointitulados partidos operários (*Labour Party* na Grã-Bretanha), degenera-se a ponto de abandonar todo caráter comunista. Queria-se aplicar uma tática que não era mais válida.

Ainda aqui, impossível preservar a organização do destino vergonhoso de tornar-se uma oficina da contrarrevolução. A organização passou para as mãos do inimigo de classe, que dela se serviu para acabar de esmagar a revolução e desorientar o proletariado internacional.

- **1928-dias de hoje.** A atividade do partido comunista prossegue sob diversas expressões que são todas momentos do partido histórico. Conduzindo uma justa crítica aos falsos partidos “operários”, identificados como órgãos da contrarrevolução, a *Esquerda Comunista da Itália* (1912-1966) – ou ao menos sua maioria na época – acreditou por sua vez, que era possível constituir um partido puramente comunista numa fase reconhecida como contrarrevolucionária, isto é, independentemente do movimento de constituição do proletariado em classe e, portanto, em partido. Esta ambiguidade inicial, que planou sobre o berço do *Partido Comunista Internacionalista – PCi* (1943) impediu que este, uma vez chegado à idade adulta, e mesmo após a salutar cisão de 1951, cumprisse plenamente sua tarefa histórica fundamental: a defesa do programa comunista e a previsão do curso revolucionário a vir. O

PCi soçobrou (1966) numa atividade de seita e bebeu até o fim o copo do oportunismo. Do partido “depurado” de 1951 não restam mais que migalhas, sacudidas pela contrarrevolução, quando não se erguem decididamente contra o comunismo e seus militantes.

- **Amanhã.** Todo período de ascensão das lutas revolucionárias conduz a classe a se recompor e, portanto, a tender para a reconstituição de seu partido de classe. Já no passado (cf. 1847, 1864, 1889, 1919) esta tendência cumpriu-se em escala internacional. Agora, é uma pré-condição absoluta, pois o imenso desenvolvimento do capital no planeta implica que a união dos proletários num partido comunista realize-se de um só golpe em escala mundial. Amanhã, quando a crise do MPC¹¹, com suas invectivas sucessivas, fará voar em pedaços a mistificação democrática e abalar suficientemente a base de sujeição abjeta na qual ela continua a manter o proletariado, colocar-se-á novamente a questão da reconstituição do partido de classe único e mundial. E, desta vez, não haverá diferença entre partido operário e partido comunista. O proletariado não poderá constituir-se em partido revolucionário se este partido não elevar bem alto, de uma só vez, o estandarte do programa comunista, restaurado na sua integralidade. Pois será necessário não apenas opor-se a seus inimigos declarados, os partidos burgueses, mas também aos “partidos operários” de ontem que tornaram-se hoje partidos do capital. Neste processo que presidiu, no passado, a constituição do proletariado em partido operário, vimos que a primeira etapa era a afirmação destes três pontos: constituição da classe em partido, derrubada da burguesia, conquista do poder político pelo proletariado.

Ora, hoje, apenas a corrente verdadeiramente comunista situa-se neste terreno, o qual não divide com nenhuma outra corrente política. Do mesmo modo, hoje é impossível sustentar esta afirmação sem reivindicar ao mesmo tempo a totalidade do programa e as tarefas comunistas. O proletariado não tem outra tarefa senão a realização do comunismo em escala mundial e será necessário que se dote de órgãos adequados para tal tarefa.

É por isso que a tarefa dos revolucionários de hoje não pode ser a de formação de seitas comunistas que esperam o despertar da classe operária, nem evidentemente a de flertar com os auto-denominados partidos operários, mas a de trabalhar sem descanso na restauração do programa comunista, no seio do partido histórico situado no fio vermelho do tempo, que nos conduz de 1848 à revolução futura.

Não é evidentemente este trabalho que criará as condições da retomada revolucionária mas, sem ele, ela será incomparavelmente mais difícil e constituirá uma desvantagem, desde o início, para o proletariado num combate no qual o adversário despejará todas as suas forças. A palavra de ordem da revolução a vir é: constituição da classe operária num partido comunista mundial, único órgão do proletariado, cuja tarefa é a de dirigir a ação revolucionária deste último, a derrubada das classes dominantes por meio da conquista do poder político, o exercício da ditadura do proletariado e a passagem à fase inferior, depois superior, do comunismo.

¹¹ À época da redação deste texto (primeiros números de *Comunismo ou Civilização*), fazíamos referência à espera “DA (grande) crise catastrófica”. Durante nosso percurso do retorno teórico a Marx e Engels, à medida que avançavam os trabalhos sobre a crise do modo de produção capitalista demonstramos que essa concepção é errada. O MPC se desenvolve contraditoriamente em um movimento cíclico – o que sempre havíamos evidenciado - pontuado pelo retorno em intervalos regulares de verdadeiras catástrofes sociais cujos efeitos agravam-se ao longo dos ciclos. Portanto, falar “DA crise catastrófica” é escamotear a teoria científica de Marx e Engels sobre a natureza do capital e de suas crises cíclicas, levando-as a serem taxadas de simples “crises parciais” enquanto não ocorre “A crise catastrófica”. Em suma, o MPC se desenvolve contraditoriamente em ciclos cuja periodicidade é marcada por crises catastróficas. [Nota de RG de 2018]

5. Anexo – França: proletariado e revolução com alma política

NOTA: Este pequeno texto, que trata em grandes linhas os primórdios da manifestação do proletariado como classe revolucionária na França, seguiu imediatamente o texto sobre o movimento cartista no número 4 de Comunismo ou Civilização em língua portuguesa de 1985, texto reeditado nesta série como *O cartismo na Inglaterra (1830-1848)*.

oOo

Na França, o movimento dos canutos lioneses de 1831 é característico da evolução da classe operária durante este período. Engels qualifica a sublevação dos canutos de “primeira sublevação operária”. É, efetivamente o primeiro movimento puramente operário da história, no qual os operários são os únicos protagonistas tomando diretamente as armas contra a burguesia. Ademais, o movimento dos canutos aparece, sob muitos aspectos, como característico do novo ciclo de batalhas proletárias que se anuncia. De início, ele se apresenta como a encarnação do antagonismo moderno entre trabalho assalariado e capital. Na sua luta pela obtenção do máximo de mais-valia, o capital não tem outra saída, na fase¹² de submissão real do trabalho ao capital, senão pesar sobre os salários e até rebaixá-los violentamente em caso de crise, enquanto que, por outro lado, procura alongar a duração do trabalho. Em Lyon, a luta trava-se diretamente neste terreno.

Desde Luís XI, Lyon era o centro das indústrias de seda, abastecendo não apenas o mercado francês, mas também o estrangeiro. Os donos dos teares empregavam cerca de 60 mil operários. Em 1826, a indústria de seda lionesa conhece uma grande crise, agravada pela concorrência estrangeira, que se beneficia seja de preços menores devido a um desenvolvimento econômico mais fraco (Suíça, Alemanha), seja de uma melhor produtividade devido à introdução de técnicas modernas (máquinas a vapor na Inglaterra). Face à degradação de suas condições de vida, os operários tecelões se unem para reivindicar a instauração de uma tarifa mínima. Depois de inúmeras manifestações e petições, acabam por obtê-la em outubro de 1831. São os patrões que endurecem o jogo, paralisando os teares e desempregando milhares de operários.

Os tecelões respondem com a insurreição, rapidamente engrossados por outros grupos de trabalhadores da cidade.

¹² Do mesmo modo, à época da redação deste texto, utilizávamos a noção de “fase de submissão formal (real) do trabalho ao capital”. O resultado dos trabalhos desenvolvidos a partir da publicação do estudo da periodização do capital (publicado em *Comunismo ou Civilização* nº 3 em português, em 1984) mostrou-nos que continuávamos prisioneiros da periodização resultante das análises da IIIª Internacional feitas pela ultra-esquerda, em que todos seus componentes determinavam um ponto de ruptura em 1914 entre dois períodos *distintos* do capital. Ora, de fato existe em Marx uma forma de periodização do capital, entre a época manufatureira e a da grande indústria. Na primeira, o trabalho é submetido formalmente ao capital, isto é, nela o processo de trabalho é herdado de antigos modos de produção; na segunda, o trabalho é realmente submetido ao capital, como resultado do surgimento de uma tecnologia especificamente capitalista – a maquinaria –, que se estabelece no final do século XVIII e não no início do século XX! Além disso, a tradução dos termos empregados por Marx é: “subordinação (subsunção) formal do trabalho ao (sob o) capital” e “subordinação (subsunção) real do trabalho ao (sob o) capital”. Mais ainda, no original em alemão Marx *jamais* empregou o termo “fase”, o qual foi introduzido em subtítulos adicionados artificialmente na primeira tradução francesa sem qualquer correspondência no original em alemão, e que acabou reforçando a ruptura evocada pela ultra-esquerda. [Nota de RG de 2018]

A insurreição não podia vencer. Não apenas pelo fato de que tinha explodido sem qualquer preparação, de modo espontâneo, pois os proletários conseguiram apoderar-se da cidade e ter o controle militar do campo de luta; mas, sobretudo porque não podiam nem queriam nada com o poder que caíra em suas mãos. Mestres da cidade, os operários não tomaram nenhuma medida, não procuraram tirar partido dessa vantagem e se deixaram desarmar após alguns dias. Mas isso bastou para demonstrar que a massa de proletários armados é capaz de enfrentar a burguesia.

Ademais, a trajetória dos operários lioneses durante e após os acontecimentos de 1831 é característica do movimento operário francês. Os operários tinham combatido em 1830 contra os Bourbons com a ideia implícita de edificar a república; colheram os frutos sob Luís Felipe, mas nem a menor reforma social prometida chegou a ser realizada. Dado o passado revolucionário e as lembranças de 1793, dada a agitação a favor da república levada por burgueses radicais insatisfeitos com a redistribuição de poder ocorrida em 1830, o proletariado francês ia voltar-se para as teorias republicanas e levar seu combate de uma forma especificamente política. Entre 1831 e 1834, criam-se em Lyon inúmeras associações operárias, organizações de defesa de tipo sindical e sociedades secretas. Em 1834, o proletariado lionês retoma as armas, mas desta vez seu objetivo é nitidamente a instauração da república.

Menos amplo que o movimento de 1831, o de 1834 testemunhou entretanto uma certa maturação e prefigurou engajamentos posteriores do proletariado francês, inclusive na forma por ele privilegiada: a forma política.

“Pensando em termos políticos, o proletariado vê a origem de todos os males na *vontade* e, todos os meios para resolvê-los, na força e na derrubada de uma forma *determinada de Estado*. Exemplo: as primeiras sublevações do proletariado francês. Os operários de Lyon acreditavam que perseguiam apenas objetivos políticos e que eram simples soldados da república quando, *na realidade*, eram soldados do socialismo. É assim que sua inteligência política os iludia sobre a fonte de sua miséria social e falseava neles a consciência de seu verdadeiro objetivo: sua inteligência política enganava seu instinto social.” (Marx, *Rei da Prússia e reforma social*)

A partir dos anos 1834-1835, o proletariado francês procura reapropriar-se da sua tradição histórica. Por meio da reatualização de Babeuf e da *Conjuração dos Iguais*, ele reata com projetos de tomada do poder político e de ditadura do proletariado. O velho revolucionário de origem italiana Buonarrotti desempenhou um papel eminente neste verdadeiro trabalho de restauração que permitiu, na época, ao proletariado reatar com seu passado mais revolucionário. Felipe Buonarrotti tinha participado da *Conjuração dos Iguais*. Após ter pago seu tributo à repressão, dedicou sua vida a animar sociedades secretas, a transmitir o legado dos *Iguais* às novas gerações de proletários revolucionários. Dentre aqueles que inspirou diretamente encontra-se Blanqui.

“Durante este período (1834-1835), os operários que tinham sido republicanos assimilaram uma nova lição: reconheceram que, mesmo que seus planos democráticos dessem certo, continuariam a ser ludibriados por chefes mais espertos e ainda mais sutis, e que sua situação social – causa de seu descontentamento político – em nada melhoraria devido a qualquer mudança política. *Eles retornaram às fontes vivas e ao estudo da Grande Revolução e apoderaram-se vivamente do comunismo de Babeuf*. (Engels – Progresso da reforma social no continente, 1843 – grifado por nós)

Assim realiza-se, no período 1830-1848, um processo de individualização do proletariado revolucionário. Mas ele só poderá efetivamente vingar quando as ilusões democráticas, pequeno-

burguesas do proletariado fracassarem na luta de classes de junho de 1848. Ao mesmo tempo em que prossegue com seus esforços de delimitação teórica, procurando organizar-se separadamente, o proletariado só se colocará em marcha, durante toda essa época, a reboque da burguesia. As tentativas de ação autônoma do proletariado, essencialmente animadas por sociedades secretas, se romperão na imaturidade das condições políticas e sociais.

A tática seguida por Blanqui ilustra essa fase do movimento na França. Não reconhecendo no proletariado, enquanto novo sujeito revolucionário na história, a capacidade de impulsionar e de dirigir o movimento social, Blanqui confia essa iniciativa às sociedades secretas, pequenos grupamentos de revolucionários estritamente organizados, que devem ser capazes de derrubar o curso da história por uma série de golpes e de complôs.

Antes de ser um teórico, Blanqui era um homem de ação e herdava diretamente as práticas dos Carbonari e de outras sociedades secretas dos anos 1820-1830. A Buonarrotti ele deve seu interesse pelas conspirações. Chegando em plena época de retomada da atividade revolucionária, Blanqui teria a ocasião de atirar-se à luta antes de ter elaborado uma doutrina, ou de ter tornado precisas as críticas que emite contra a sociedade burguesa. Ele sente que a burguesia usurpou a revolução; como todos os revolucionários da época, ele é sobretudo republicano e pensa que a realeza, pura e simples excrescência parasitária de uma sociedade que já tinha mostrado como livrar-se dos reis, poderia ser derrubada por um simples complô.

É por isso que todo movimento de exasperação da classe operária, que se traduzia por manifestações violentas, agitações, etc... sempre encontrava Blanqui à frente do combate e, quando tais ocasiões inexistiam, ele trabalhava para forjá-las, passando alternadamente da clandestinidade para a cadeia, onde viveu a maior parte de sua vida. Mas, que se tratasse das insurreições de 1832, 1834 ou 1839, tal prática, que decorria da visão teórica que Blanqui tinha do enfrentamento de classes, sempre fracassava e só podia fracassar.

Para Blanqui, a sociedade sempre estava dividida em dois campos antagônicos, um oprimindo o outro. Se a burguesia mostra-se capaz de dominar a massa do proletariado e do povo é porque atribuiu-se o monopólio da propriedade não apenas dos meios de produção, mas também, por exemplo, dos meios de comunicação, dos meios educativos, etc... mantendo a massa dos oprimidos num estado próximo da escravidão. Como os revolucionários de 1793, Blanqui pensa que o objetivo do movimento histórico é a instauração da igualdade e que é necessário, portanto, varrer o regime burguês, já que este só logrou reforçar a exploração e a opressão de uma massa cada vez mais despossuída. Mas ele é incapaz de ver precisamente no despojamento desta nova classe revolucionária, “o lado revolucionário que derrubará a antiga sociedade”.

Segundo ele, cabe às elites – que, contrariamente aos proletários, não foram privadas do saber, da cultura, da educação – dirigir o grande combate social que oporá a massa do proletariado à minoria burguesa. É por isso que ele concebe a organização do proletariado do seguinte modo: uma sociedade secreta, dirigida essencialmente por intelectuais, prepara golpes nos quais a massa do proletariado deverá fornecer as tropas de choque.

Ora, jamais as revoluções se desenrolarão segundo esse esquema, e se as sociedades secretas animadas por Blanqui, Barbès, etc... tiveram um papel histórico foi o de fornecer, numa época em que as condições não estavam ainda suficientemente maduras para a organização do proletariado em partido, o recipiente onde iriam fundir-se todos os elementos do futuro partido e que, através das *Sociedades das Estações*, da *Liga dos Justos*, etc... dariam origem à *Liga dos Comunistas*.